

## A Defesa Militar do Kibutz

— SIM, eu sei, passamos por praticamente tudo que existe e se faz no *kibutz*, e deixamos de lado um aspecto importantíssimo de nossa vida: o aspecto da defesa, o *kibutz* como célula militar. E isto por duas razões: a primeira, porque não convém falar muito sobre isto, o cidadão israelí em geral e o companheiro do *kibutz* em particular são bastante lacônicos quando se trata de assuntos ligados a coisas militares. A segunda, porque não gostamos de falar de guerra, e de tudo quanto à ela se liga. E isto logo eu lhe explicarei.

— Muitas coisas você terá observado, tanto de dia, como de noite. Nosso armamento, nossos treinamentos, nossa preparação, e em geral, o lugar importante que os problemas ligados à defesa militar ocupam em nossa vida diária. Outras coisas você não terá percebido, só de observar, coisas ligadas à organização mais ampla de nossa defesa: a inter-ligação entre todos os *kibutzim*, sua relação com o exército, o esquema mais largo de defesa no qual estamos enquadrados. Porque imagine que, se o *kibutz* por sí é uma unidade defensiva de poderosa força, como ficou já demonstrado na guerra, o que não dizer da cadeia de *kibutzim*, as colônias apoiando-se mutuamente, junto com o exército.

— E há porque ser assim. Estamos na fronteira, somos a primeira linha de combate contra o eventual inimigo, e não temos a menor disposição de, tanto perder o fruto de nosso trabalho, quanto de permitir ao invasor a passagem para diante. E disto êle sabe também.

— Mas porque não nos agrada falar das questões militares do *kibutz*? Também por discreção, mas também por êste mesmo sentimento que você está sentido neste momento, esta sensação de que, o espírito todo de nossa conversa, trabalho, construção, planos para o futuro, não há lugar para guerra e morte. Somos homens que trabalham a terra, e o homem do campo é pacífico por natureza e por necessidade. É do suor do homem que labuta que verdejarão os campos, e não do sangue do homem que guerreia. Não é na luta e no mor-

ticínio que queremos que cresçam nossos filhos, mas na paz e na tranquilidade. Mais que ninguém, quer a paz o homem do campo, e entre os homens do campo, mais que ninguém o companheiro do *kibutz*.

— E isto tudo você mesmo está sentindo, e também o quanto está deslocada a palavra “guerra” dentro do espírito de nossa obra. Mas ilusões não temos, e isso você viu e nossos inimigos sabem. Por muito quereremos a paz, muito estaremos dispostos a por ela pagar. Mas realmente, que adianta falarmos? Esperemos pelo melhor, mesmo preparados para o pior.